



REFLEXÕES SOBRE A VARIAÇÃO DO /S/ EM CODA SILÁBICA NO FALAR AMAZONENSE: A HIPÓTESE DE UMA ISÓFONA

Edson Galvão Maia (IFAM¹)
galvaedson@hotmail.com

Flávia Santos Martins (UFAM²)
flavinhaingrid@yahoo.com.br

Maria Luíza de Carvalho Cruz-Cardoso (UFAM³)
luizacr@uol.com.br

RESUMO: Nesta pesquisa refletiu-se sobre os resultados dos trabalhos realizados no Amazonas a respeito do /S/ em coda silábica, à luz da hipótese levantada por Cruz (2004) de que pode haver uma isófona dividindo o Estado, considerando que em pesquisas dialetológicas já realizadas no Amazonas, foram encontrados aspectos linguísticos diferenciados entre os falares dos rios Negro/ Amazonas e Solimões.

PALAVRAS-CHAVE: Dialetoлогия Pluridimensional; Sociolinguística; /S/ pós-vocálico.

ABSTRACT: In this research, the results of the work carried out in the Amazon region regarding the /S/ in the syllabic coda were considered in the light of the hypothesis raised by Cruz (2004), That is, an isophone may exist dividing the State, considering that, in research already Carried out in Amazonas, linguistic differences were found between the Negro / Amazonas and Solimões rivers.

KEYWORDS: Pluridimensional Dialectology; Sociolinguistics; /S/ post-vowel.

1 Introdução

Neste artigo, trataremos de um fenômeno fonético-fonológico em variação já bastante estudado no Brasil, o /S/ em coda silábica. Desde a década de 1960, estudos vêm sendo realizados sobre o referido fenômeno, mostrando que no Português Brasileiro (doravante PB) o /S/ pode ser realizado por quatro variantes: i) a alveolar surda e sonora: [ˈpas.ta], [ˈmez.mu]; ii) a alveopalatal surda e sonora: [ˈpaʃ.ta],

¹ Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia do Amazonas. Doutorando em Estudos da Linguagem na Universidade Estadual de Londrina. galvaedson@hotmail.com

² Universidade Federal do Amazonas. Doutora em Linguística pela Universidade Federal de Santa Catarina. flavinhaingrid@yahoo.com.br

³ Universidade Federal do Amazonas. Doutora em Letras Vernáculas pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. luizacr@uol.com.br

[ˈmez.mu]; iii) a glotal surda e sonora: [ˈleh.tʃɪ], [ˈmefi.mu] e iv) o zero fonético [ˈmeø.mu].

Em 2004, no Amazonas, esse mesmo fenômeno foi, particularmente, estudado para a elaboração do *Atlas Linguístico do Amazonas (ALAM)*, por Cruz, como tese de doutorado. A análise do /S/ em coda silábica no falar amazonense também mostrou a possibilidade de realização das quatro variantes mencionadas no parágrafo anterior. Além disso, sobretudo, essa pesquisa mostrou que há áreas linguísticas diferenciadas no Amazonas, já que a distribuição do /S/ apresentou-se da seguinte forma: i) a alveopalatal surda e sonora é predominante nos municípios de Barcelos, Itacoatiara e Parintins (microrregiões do Alto Rio Negro, Médio Amazonas e Baixo Amazonas, respectivamente) e ii) a alveolar surda e sonora é utilizada com mais frequência nos municípios de Lábrea, Humaitá, Benjamin Constant, Tefé, Eirunepé e Manacapuru (Microrregiões do Purus, Madeira, Alto Solimões, Jutáí-Solimões-Juruá, Juruá, Rio Negro-Solimões, respectivamente). A partir desse resultado, Cruz (2004) levantou a hipótese de haver uma isófona para o /S/ em coda silábica no Amazonas.

Este artigo, por sua vez, tem como objetivo discutir a hipótese de isófona levantada por Cruz (2004), a partir da reflexão dos resultados dos vários trabalhos realizados sobre o /S/ em coda silábica no Amazonas, após a elaboração do ALAM (F. MARTINS, 2007; QUARA, 2007; BRITO, 2011; F. MARTINS e MARGOTTI, 2012; E. MAIA, 2012; JUSTIANO, 2012; R. MAIA, 2016). Para essa reflexão, este trabalho está estruturado da seguinte forma: primeiramente, apresentaremos alguns trabalhos realizados no Brasil sobre o fenômeno em foco, mostrando que constitui um fenômeno variável no PB; em seguida, daremos ênfase às pesquisas realizadas, especificamente, no Amazonas; por fim, a partir da comparação dos resultados dos trabalhos realizados no Amazonas, discutiremos a possibilidade ou não da hipótese de isófona.

2 O /S/ pós-vocálico no Brasil

O /S/ em coda silábica, conforme já mencionado, apresenta-se como um fenômeno variável importante para a delimitação das áreas dialetais brasileiras. Essa

variável dependente já foi estudada por vários estudiosos em diversas regiões brasileiras, conforme se observa no Quadro 1, a seguir, por ordem cronológica:

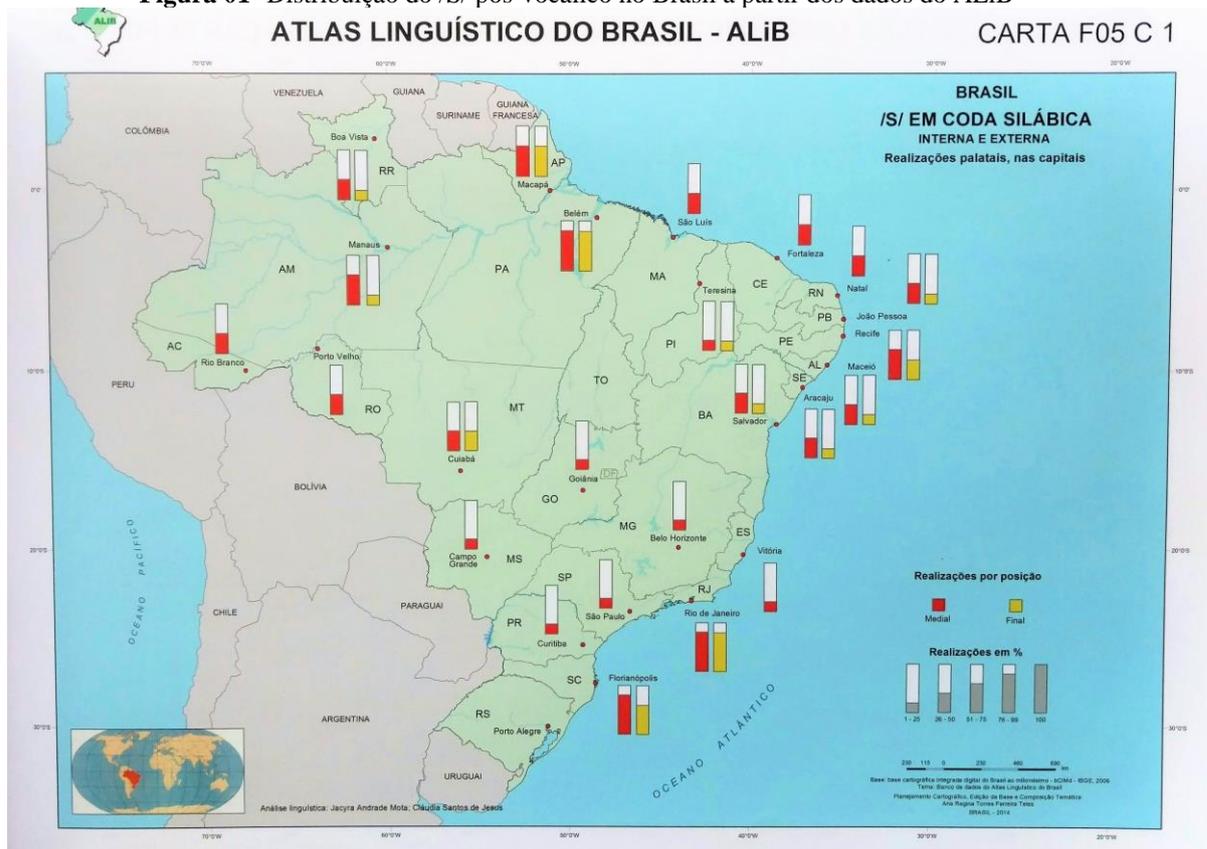
Quadro 1- Alguns estudos sobre o /S/ em coda silábica realizados no Brasil

Pesquisadores	Informações gerais sobre o estudo
Silva Neto (1960)	Investigou o problema das sibilantes na língua portuguesa no que se refere ao consonantismo.
Scherre e Macedo (1991)	Analisaram o falar dos moradores do Rio de Janeiro.
Canovas (1991)	Analisou a fala dos moradores da Bahia controlando como variáveis independentes <i>escolaridade</i> e <i>idade</i> .
Callou e Moraes (1996)	Investigou dados de fala de cinco capitais brasileiras provenientes do projeto NURC: Salvador, Recife, Rio de Janeiro, São Paulo e Porto Alegre. Ainda controlaram como variáveis independentes: <i>posição (medial e final)</i> , <i>sexo/gênero</i> , <i>escolaridade</i> e <i>faixa etária</i> .
A. Martins (2001)	Analisou em um trabalho de iniciação científica o falar dos moradores de Bragança (PA). Utilizou o <i>corpus</i> do Projeto Atlas Geolinguístico do Pará (ALIPA) que controla como variável independente <i>sexo/gênero</i> , <i>escolaridade</i> , <i>idade</i> e <i>classe social</i> .
Brescancini (2002)	Investigou a fala dos habitantes de Florianópolis (SC). Para análise do /S/ em coda silábica controlou as seguintes variáveis independentes: <i>traço</i> , <i>contexto precedente</i> , <i>contexto seguinte</i> , <i>função morfológica</i> , <i>acento</i> , <i>posição na palavra</i> , <i>gênero</i> , <i>escolaridade</i> , <i>região</i> e <i>faixa etária</i> .
Hora (2003)	Investigou a fala dos moradores de João Pessoa (PB). Utilizou o <i>corpus</i> do Projeto Variação Linguística do Estado da Paraíba (VALPB). Investigou o /S/ somente em posição medial na palavra.
Cruz (2004)	Elaborou o Atlas Linguístico do Amazonas (ALAM), investigando 9 cidades representantes das diferentes microrregiões pertencentes ao Estado: Barcelos, Benjamin Constant, Eirunepé, Humaitá, Itacoatiara, Lábrea, Manacapuru, Parintins, Tefé.
Jesus e Mota (2006)	Estudaram a fala dos habitantes de Salvador (BA) e Recife (PE) a partir dos dados do Atlas Linguístico do Brasil (ALiB).
Jesus e Mota (2007)	Compararam o falar das capitais do nordeste a partir dos dados do ALiB.
F. Martins (2006/2007)	Investigou a fala dos moradores de Benjamin Constant, Itacoatiara, Manacapuru, Barcelos, Parintins e Tefé, a partir dos dados de elocução livre do ALAM.
Quara (2006/2007)	Analisou o falar dos habitantes de Humaitá, Lábrea e Eirunepé, a partir dos dados de conversação livre do ALAM.
Pedrosa (2009)	Investigou a fala dos moradores de João Pessoa (PB). Utilizou o <i>corpus</i> do Projeto Variação Linguística do Estado da Paraíba (VALPB). Investigou o /S/ somente em posição final na palavra.
Brito (2011)	Elaborou o Atlas dos Falares do Baixo Amazonas.
Bassi (2011)	Comparou os dados de fala de moradores de Florianópolis (SC) e Rio de Janeiro (RJ) a partir dos dados do Atlas Linguístico do Brasil (ALiB).
E. Maia (2012)	Estudou os dados de fala dos moradores dos municípios de Boca do Acre, Lábrea e Tapauá.
Justiniano (2012)	Elaborou o Atlas dos Falares do Rio Negro.
Martins e Margotti (2012)	Investigaram o comportamento fonético-fonológico do /S/ pós-vocálico no

	município de Manaus, utilizando os dados coletados para o ALiB.
R. Maia (2015/2016)	Investigou, em um trabalho de iniciação científica, a fala dos moradores de São Paulo de Olivença (AM), utilizando os dados coletados por Martins (2013) para a tese de doutorado.

O fenômeno em discussão também foi investigado e cartografado pelo ALiB⁴, que publicou os resultados das capitais, confirmando, em muitos casos, os estudos realizados pelos pesquisadores. As capitais que mais apresentaram a variante alveopalatal foram Belém, Rio de Janeiro e Florianópolis. Manaus também aparece como uma das que mais apresenta essa variante, em *posição medial* de palavra. No entanto, em *posição final*, a variante alveolar é utilizada com maior frequência. Na Figura 1, a seguir, ilustramos esses resultados:

Figura 01- Distribuição do /S/ pós-vocálico no Brasil a partir dos dados do ALiB



⁴ O *Atlas Lingüístico do Brasil* é um projeto realizado por várias universidades brasileiras, em andamento desde 1996, que pretende mapear os dados linguísticos de 1100 informantes, coletados em 250 localidades brasileiras. Em 2014, foram publicados o volume introdutório e um volume com dados das capitais dos Estados, com exceção de Palmas (TO).

Fonte: ALiB

Como observamos, o /S/ em coda silábica é um fenômeno já bastante investigado no PB, já podendo, portanto, nos ajudar a caracterizar as áreas dialetais brasileiras. Na seção 3, a seguir, trataremos de elucidar os resultados, especificamente, dos trabalhos realizados no Amazonas sobre esse fenômeno para, em seguida, discutir a hipótese de isófono levantada por Cruz (2004).

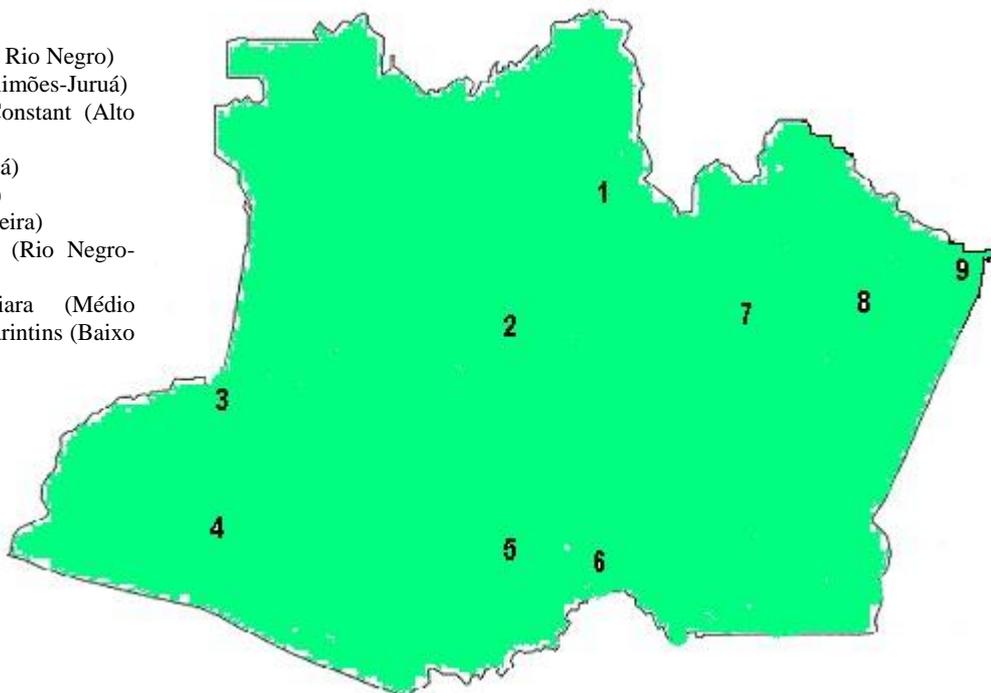
3 O /S/ pós-vocálico no Amazonas

Os estudos dialetais no Amazonas recebem grande impulso com o trabalho pioneiro de Maria Luíza Carvalho Cruz, por meio da elaboração do *Atlas Linguístico do Amazonas – ALAM*, em 2004. Esse projeto contemplou uma rede de pontos com nove localidades do interior do Estado, cada uma delas representando uma microrregião amazonense⁵, conforme distribuição a seguir:

Figura 2- Mapa do Estado do Amazonas com os pontos de inquéritos investigados pelo ALAM

Legenda:

- Ponto 1** - Barcelos (Alto Rio Negro)
- Ponto 2** - Tefé (Jutaí-Solimões-Juruá)
- Ponto 3** - Benjamin Constant (Alto Solimões)
- Ponto 4** - Eirunepé (Juruá)
- Ponto 5** - Lábrea (Purus)
- Ponto 6** - Humaitá (Madeira)
- Ponto 7** - Manacapuru (Rio Negro-Solimões)
- Ponto 8** - Itacoatiara (Médio Amazonas)
- Ponto 9** - Parintins (Baixo Amazonas)



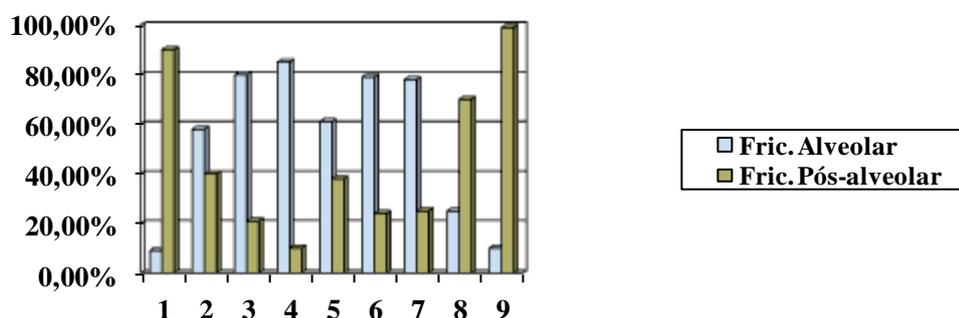
⁵ Divisão feita por meio da Constituição Estadual de 05/10/ 1989. Em 2009, essa divisão foi reformulada pelo IBGE. No entanto, optamos por seguir a divisão adotada por Cruz (2004).

Fonte: MARTINS (2006/2007)

O ALAM configura-se entre os atlas pluridimensionais, uma vez que controla duas variáveis sociais: *sexo/gênero* e *idade*, mostrando-se inovador ainda ao considerar três faixas etárias (18 a 35 anos; 36 a 55 anos e mais de 56 anos), diferente dos demais atlas brasileiros que distribuem seus informantes em duas faixas etárias.

Um dos aspectos fonéticos de maior destaque na definição do falar amazonense, segundo as pesquisas do ALAM, foi a distribuição diatópica da variação existente no Estado no que se refere ao /S/ em coda silábica. No Gráfico 1, a seguir, ilustramos o resultado encontrado para cada município, considerando somente os dados do contexto *posição medial* de palavra.

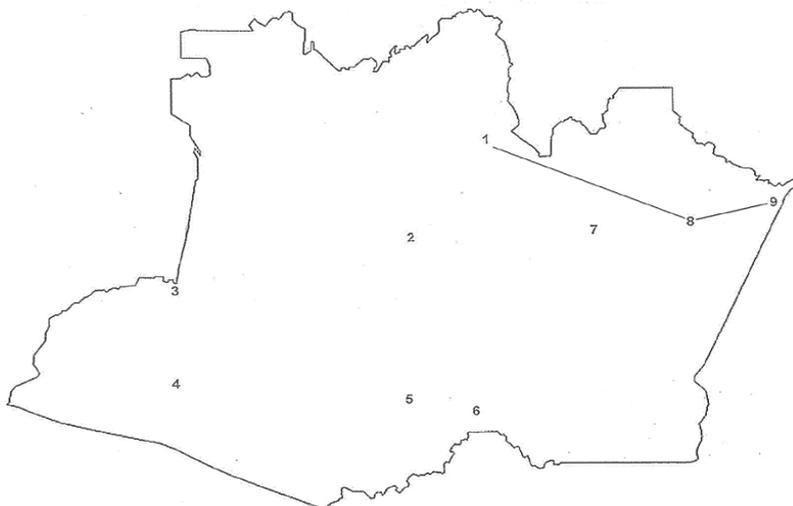
Gráfico 1- Variantes de –S pós-vocálico interno por localidade



Fonte: ALAM

Cruz (2004) observou que nos municípios representantes das microrregiões do Alto Rio Negro (Ponto 1), Médio Amazonas (Ponto 8) e Baixo Amazonas (Ponto 9), a variante que prevaleceu era a alveopalatal, ao passo que nos que representam as demais microrregiões prevaleceu a variante alveolar. Dessa forma, a pesquisadora formula a hipótese de existir uma isófona no que se refere ao fenômeno em foco. Essa isoglossa separaria as localidades do Rio Negro e Amazonas das localidades do Rio Solimões e afluentes, conforme se observa na Figura 3.

Figura 3- Isófona em relação ao /S/ pós-vocálico no Amazonas



Fonte: ALAM

Quanto às variáveis sociais, a pesquisadora faz as seguintes observações:

i) No que se refere à variável *idade*, os mais jovens (1ª faixa etária) parecem implementar a regra de palatalização (54% dos casos), mesmo com índices não muito diferentes dos registrados nas demais faixas;

ii) Dentre os municípios onde prevalece a pronúncia alveopalatal, o município de Itacoatiara mostra-se diverso dos demais, uma vez que a variante alveopalatal não se distribui homogeneamente entre as faixas etárias, apresentando a primeira faixa etária índice de 100%, enquanto a segunda e a terceira apresentam 67 e 50%, respectivamente;

iii) Quanto à variável *sexo/gênero*, observou-se uma diferença não muito significativa, na qual as mulheres utilizam mais a variante alveopalatal (54%) do que os homens (46%).

A hipótese de isófona tem orientado os estudos sobre o /S/ em coda silábica no Amazonas, cujo principal objetivo tem sido confirmá-la ou não, alguns analisando a

parte do *corpus* não cartografados para a publicação do ALAM, outros com *corpora* próprios, conforme apresentaremos a seguir⁶.

3.1 *Corpus* ALAM: o /S/ em coda silábica em dados de elocução livre

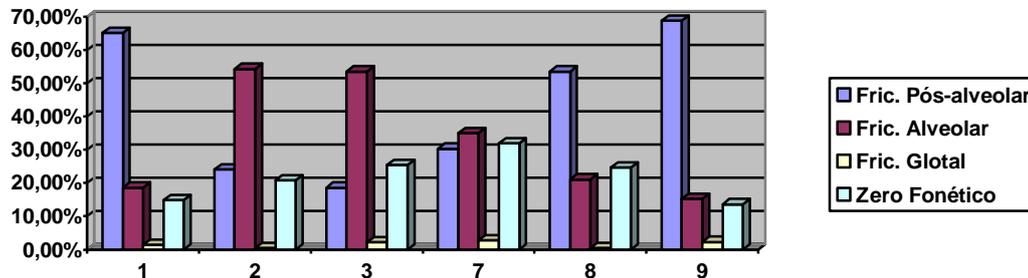
Logo após a elaboração do ALAM, foram desenvolvidas duas pesquisas de iniciação científica a fim de averiguar a hipótese levantada por Cruz (2004) em relação ao /S/ em coda silábica: i) *A pronúncia do /S/ pós-vocálico nos municípios de Itacoatiara, Manacapuru, Parintins, Tefé, Barcelos e Benjamin Constant* (F. MARTINS 2006/2007) e ii) *Comportamento fonético-fonológico do -S pós-vocálico nos falares dos municípios de Eirunepé, Lábrea e Humaitá do Amazonas*” (QUARA, 2006/2007). Para essas duas pesquisas, foi utilizada uma parte do *corpus* coletado para o ALAM, mas que não foi analisada por Cruz (2004): *a elocução livre*⁷.

Os resultados da pesquisa de F. Martins (2005/2006), em parte, confirmaram a hipótese levantada por Cruz (2004), pois também em dados de *conversa livre*, no que diz respeito ao *contexto final* de palavra, constatou-se a mesma distribuição de áreas linguísticas diferenciadas para o /S/ em coda silábica que foi observada nos dados de *respostas ao questionário*: os informantes de Parintins (Ponto 9), Barcelos (Ponto 1) e Itacoatiara (Ponto 8) utilizam com mais frequência a variante alveopalatal (68,8%, 65% e 53,5%, respectivamente), enquanto os moradores entrevistados em Tefé (Ponto 2), Benjamin Constant (Ponto 3) e Manacapuru (Ponto 7) usam com mais frequência a variante alveolar (54,3%, 53% e 35% respectivamente), conforme Gráfico 2, a seguir:

⁶ Devido à natureza de cada pesquisa (Iniciação Científica, Artigos Científicos, Dissertações e Teses), será possível apresentar resultados um pouco mais detalhados para algumas pesquisas do que para outras. Além disso, trabalhos com características sociolinguísticas apresentam um aprofundamento maior do fenômeno em foco do que trabalhos exclusivamente dialetais, como os Atlas Linguísticos, por exemplo.

⁷ Cruz (2004), após a aplicação do *questionário*, solicitava que os informantes entrevistados falassem sobre a história de sua vida, sobre algo de que tinham conhecimento, constituindo, assim, também um *corpus de conversa livre*, para análises futuras.

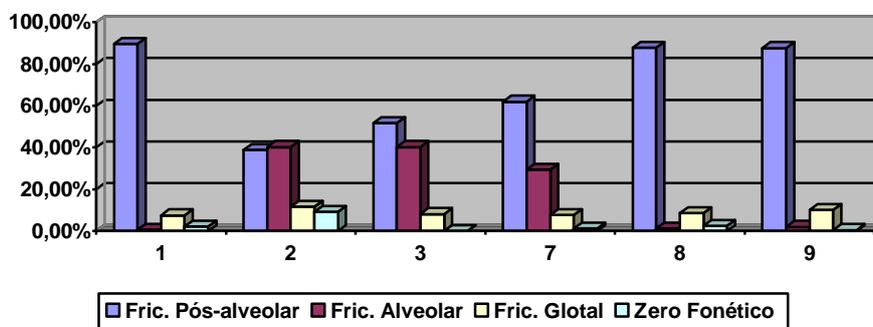
Gráfico 2-Variantes do –S pós-vocálico por localidade: posição final de vocábulo



Fonte: F. MARTINS (2006/2007)

Em *contexto medial* de palavra, nos três últimos municípios mencionados (Pontos 7, 3 e 2), a alveopalatal ocorre com um pouco mais de frequência (61,9%, 51,7% e 38,9%, respectivamente). F. Martins (2006/2007) explica esse resultado em função do *contexto seguinte*, embora não tenha feito um controle estatístico dessa variável independente. Segundo a observação da pesquisadora, o contexto que parece mais favorecer o uso da alveopalatal é o /S/ seguido de [t]. A autora ressalta ainda que o município de Manacapuru (Ponto 7) utiliza mais alveopalatal em relação a Tefé e a Benjamin Constant. Ela explica isso por conta da proximidade de Manacapuru à microrregião que utiliza com maior frequência a alveopalatal (Microrregião do Médio Amazonas). No Gráfico 3, a seguir, ilustramos os resultados em relação ao contexto *posição medial* de palavra.

Gráfico 3-Variantes do –S pós-vocálico por localidade: posição medial de vocábulo



Fonte: F. MARTINS (2006/2007)

Os resultados da pesquisa de Quara (2006/2007) atestam a hipótese levantada por Cruz (2004) já que também observou que os municípios de Lábrea (Ponto 5), Eirunepé (Ponto 4) e Humaitá (Ponto 6) utilizam com mais frequência a variante alveolar, em situação de *elocução livre*, assim como foi constatado no ALAM, na *aplicação de questionário*.

3.2 Demais corpus: ampliação das áreas dialetais do ALAM

O ALAM, que possui uma rede de pontos bem distribuída, abrange um número pequeno de localidades se considerado o amplo território do Estado do Amazonas (62 municípios), mas sendo suficientes para a elaboração de um atlas linguístico, segundo os critérios da Geolinguística. Essas configurações se dão em virtude da natureza da pesquisa, em nível de doutorado, realizada por apenas uma pesquisadora em pouco espaço de tempo. Dessa forma, outros pesquisadores buscam estudar também a realização do /S/ em coda silábica no Amazonas, a fim de ampliar as áreas estudadas por Cruz (2004), seja por meio de pesquisas que seguem a mesma metodologia do ALAM, o que permite uma comparação mais efetiva dos dados, seja por meio de metodologia própria, geralmente bem próxima da metodologia do ALAM, tendo em vista a homogeneidade metodológica já característica do método geolinguístico. Apresentamos a seguir alguns desses trabalhos, por ordem cronológica, e seus resultados: BRITO (2011), JUSTINIANO (2012), MARTINS E MARGOTTI (2012), E. MAIA (2012) E R. MAIA (2016).

3.2.1 O /S/ em coda silábica no Baixo Amazonas: ampliação do Ponto 9 do ALAM (BRITO, 2011)

Um dos objetivos do *Atlas dos Falares do Baixo Amazonas – AFBAM*, defendido como dissertação de Mestrado de Brito, em 2011, era “contribuir para a ampliação e consolidação dos registros fonéticos realizados no *Atlas Linguístico do Amazonas - ALAM*” (BRITO, 2011, p. 17). Para isso, aplicou o mesmo questionário

fonético-fonológico do ALAM aos informantes dos demais municípios pertencentes à microrregião do Baixo Amazonas, não investigados por Cruz (2004): Barreirinha, Boa Vista do Ramos, Nhamundá, São Sebastião do Uatumã e Urucará. Também se utilizou a mesma metodologia do ALAM, com distribuição dos informantes, em um total de 6 por localidade, em *sexo* e *idade* (3 faixas etárias).

Sobre o /S/ em coda silábica, Brito (2011) constatou o uso categórico nas localidades da variante alveopalatal, corroborando com os dados de Cruz (2004) para a microrregião em estudo.

3.2.2 O /S/ em coda silábica no Alto Rio Negro: ampliação do Ponto 1 do ALAM (JUSTINIANO, 2012)

Os estudos do /S/ em coda silábica também são ampliados na microrregião do Alto Rio Negro, Ponto 1 do ALAM, onde foi elaborado o *Atlas Linguístico dos Falares do Alto Rio Negro – ALFARiN*, por Justiniano (2012), como dissertação de Mestrado. A exemplo do AFBAM, este atlas segue os procedimentos metodológicos e aplica o questionário fonético-fonológico do ALAM nas duas localidades que compõem a microrregião (Santa Isabel do Rio Negro e São Gabriel da Cachoeira), juntamente com Barcelos, município investigado por Cruz (2004).

O /S/ em coda silábica apresenta-se nos municípios investigados na microrregião do Alto Rio Negro quase categoricamente como alveopalatal (índice de 94,7%), conforme observado por Cruz (2004) em Barcelos. No município de Santa Isabel do Rio Negro o uso é categórico, enquanto em São Gabriel da Cachoeira atinge 91%. A variante alveolar que aparece neste último município mencionado está sendo implementada apenas pelos homens mais jovens (mais da primeira faixa etária do que da segunda), não aparecendo entre as mulheres e na terceira faixa etária.

3.2.3 O /S/ em coda silábica em Manaus: análise a partir dos dados do ALiB (F. MARTINS e MARGOTTI, 2012)

Na pesquisa intitulada *Comportamento Fonético-Fonológico do /S/ pós-vocálico em Manaus*, F. Martins e Margotti (2012) investigaram a capital do Amazonas que faz parte da microrregião do Rio Negro-Solimões que foi contemplada pelo Ponto 7 no ALAM (Manacapuru). Dessa forma, também se ampliou o estudo iniciado por Cruz (2004) no Amazonas. No entanto, para a pesquisa de F. Martins e Margotti (2012) foi utilizado o *corpus* coletado para a elaboração do ALiB. O referido *corpus* difere do coletado para o ALAM, que utilizou informantes não escolarizados ou com escolaridade até a 4ª série do ensino fundamental. O *corpus* do ALiB, por sua vez, controla, para a pesquisa nas capitais, dois *níveis de escolaridade* (ensino fundamental, completo ou incompleto, e ensino superior, completo ou incompleto) e apenas duas *faixas etárias* (18 a 30 anos e 45 a 60 anos). Além dessas variáveis sociais, controla também *sexo/gênero*, assim como o ALAM, o que totaliza oito informantes, conforme observado na Tabela 2 que segue:

Quadro 2- Estratificação dos informantes do ALiB nas capitais

	18 a 30 anos	45 a 60 anos
Ensino Fundamental	2 homens	2 mulheres
Ensino Superior	2 homens	2 mulheres

Para análise do fenômeno em foco, os dados foram retirados das transcrições fonéticas encontradas em todos os questionários que constituem o ALiB (Questionário Fonético-Fonológico, Questionário Semântico-Lexical, Questionário Morfossintático, Questionário de Pragmática, Temas para discurso dirigido).

Quanto ao resultado, F. Martins e Margotti (2012) mostraram que os informantes manauaras utilizam, de maneira geral, três variantes do /S/ em coda silábica: a alveolar surda e sonora, a alveopalatal surda e sonora e a fricativa glotal surda e sonora. Em *posição medial* de palavra, a distribuição da alveolar e da alveopalatal é bem equilibrada (50,1% e 47%, respectivamente). Na *posição final* de palavra é que a alveolar foi utilizada com uma maior frequência em relação à alveopalatal (67,1% e 32,8%, respectivamente). Como se observa, é um resultado bem semelhante ao encontrado por

Martins (2005/2006) ao investigar os dados de *elocução livre* do município de Manacapuru (Ponto 7).

Vale ressaltar que os pesquisadores explicam o uso com maior frequência da alveolar em *posição final* de palavra em função do *contexto seguinte* (apesar de não terem controlado estatisticamente essa variável), pois a variante alveolar mostrou-se produtiva quando era seguida de vogal (casos de ressilabação). No que diz respeito ao contexto *posição medial* de palavra, os pesquisadores também destacam a importância do *contexto seguinte*, pois a alveopalatal mostrou-se mais produtiva quando o /S/ era seguido das consoantes [t] e [k]. Destaca-se ainda que em relação à fricativa glotal, essa variante foi utilizada com baixa frequência e apenas na *posição medial* de palavra (2,8%).

Em relação aos fatores sociais controlados, as mulheres, os mais jovens e os mais escolarizados, usaram com mais frequência a alveopalatal, tanto em *posição medial* quanto *final* de palavra, em relação aos homens, aos mais velhos e aos menos escolarizados. F. Martins e Margotti (2012) levantaram a hipótese de a variante alveopalatal ser a variante inovadora e de prestígio dos informantes manauaras, por conta da correlação dos fatores sociais mencionados, já que as mulheres, segundo Labov (2008 [1972]), tendem a ser inovadoras quando a variante é considerada de prestígio (utilizada pelos mais escolarizados, no caso).

3.2.4 O /S/ em coda silábica no Sul do Amazonas: ampliação dos Pontos 5 e 6 do ALAM (MAIA, 2012)

A mesorregião Sul Amazonense⁸ vem sendo contemplada nos estudos de Edson Galvão Maia, nos quais o /S/ em coda silábica tem recebido especial destaque. Por meio da pesquisa intitulada *A Realização Fonética do /S/ Pós-vocálico nos Municípios de Boca do Acre, Lábrea e Tapauá*, dissertação apresentada para o Mestrado em Letras da UFAM, em 2012, E. Maia investiga as variantes do /S/, tanto no *meio* quanto no *final* de

⁸ De acordo com a divisão político-administrativa de 05/10/1989, a mesorregião do Sul Amazonense comporta as microrregiões do Purus e do Madeira.



palavra, em três das cinco localidades que compõem a Microrregião do Purus: Boca do Acre, Lábrea e Tapauá, podendo-se, dessa forma, considerar a pesquisa também como uma ampliação do Ponto 5 do ALAM, Lábrea.

A pesquisa segue a distribuição das variáveis sociais do ALAM, no entanto apresenta questionário fonético-fonológico próprio, por meio do qual foi possível controlar também variáveis linguísticas que podem estar atuando ou não sobre o fenômeno.

As 51 cartas fonéticas e as 13 cartas fonético-contextuais, resultantes da análise, demonstraram o uso da variante alveolar como mais frequente na região, com índice de 57,9%, conforme também observou Cruz (2004), com a elaboração do ALAM. A pesquisa ainda ressalta a produtividade das outras variantes do /S/, uma vez que além da pronúncia alveolar, observaram-se as variantes alveopalatal (20,3%), glotal/aspirada (12,7%) e zero fonético (8,9%). Dessa forma, por meio da análise da variável linguística *contexto seguinte*, o pesquisador constatou que a variante alveopalatal é condicionada principalmente pelo *contexto medial* anterior à oclusiva [t]; que a variante aspirada ocorre primordialmente em contexto anterior a lateral e nasal; e que o apagamento (zero fonético) é privilegiado frequentemente em contexto final, quando o /S/ se apresenta como morfema de plural.

O autor apresenta ainda uma análise do fenômeno baseada em aspectos históricos e linguísticos (por meio das teorias fonológicas), atribuindo, assim, do ponto de vista extralinguístico, a prevalência da variante alveolar sobre as demais à migração nordestina⁹ dos seringueiros da borracha à época do povoamento dos municípios estudados. As especificidades do fonema, do ponto de vista linguístico, em cada contexto são explicadas pelas teorias fonológicas, principalmente a teoria clássica de traços distintivos de Chomsky e Halle (1968) e a escala de sonoridade proposta por Jaspersen (1904, *apud* HOOPER, 1976), segundo a qual se percebeu que quanto mais sonoro na escala é o segmento seguinte, mais enfraquecido se torna o fonema /S/, tendendo ao enfraquecimento (aspiração).

⁹ Nordestinos que caracterizam a sua maneira de falar pelo uso da variante alveolar.

A análise das variáveis sociais, a exemplo de Cruz (2004), não apresentou tanta relevância ao estudo do fenômeno, no entanto pode-se dizer que a pronúncia alveolar se apresentou como mais conservadora, enquanto a aspirada parece ser a mais inovadora. Essas considerações mostraram também que a localidade de Tapauá parece ser mais conservadora do que as demais, utilizando menos a variante aspirada e mais a variante alveolar, e a localidade de Lábrea parece ser a mais inovadora pela maior incidência de aspiração. Essa caracterização pode ser explicada, segundo o pesquisador, pelo maior isolamento daquela em relação a esta.

A mesorregião Sul Amazonense vem ainda sendo investigada com a elaboração do *Atlas Linguístico do Sul Amazonense – ALSAM*, pesquisa em desenvolvimento de E. Maia, a ser apresentada como tese de doutorado ao Programa de Pós-graduação em Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Londrina. Apesar de os resultados ainda estarem em fase de análise, já é possível observar que, quanto ao fenômeno fonético do /S/ em coda, as microrregiões do Purus (representadas pelos três municípios investigados na pesquisa mencionada acima) e do Madeira, ponto 6 do ALAM (representada pelos municípios de Borba, Manicoré e Humaitá), apresentam configurações diferentes, sendo as localidades de Borba e Manicoré caracterizadas pela pronúncia alveopalatal, diferentemente dos demais municípios, inclusive Humaitá, investigado por Cruz (2004) como representativo da microrregião do Madeira, onde prevaleceu a pronúncia alveolar.

3.2.5 O /S/ em coda silábica no Alto Solimões: ampliação do Ponto 3 do ALAM (F. MARTINS, 2013 e R. MAIA, 2016)

Martins (2013) na pesquisa de doutoramento intitulada *Variação na concordância nominal de número na fala dos habitantes do Alto Solimões (Amazonas)* buscou ampliar duas das microrregiões investigadas pelo ALAM: o Alto Solimões (Ponto 3) e Jutai-Solimões-Juruá (Ponto 2). Ressalta-se que Martins (2013) utilizou a nova divisão de microrregião feita pelo IBGE/2009 que difere da divisão adotada por Cruz (2004). Assim a microrregião do Alto Solimões, atualmente, é composta por nove

municípios: Atalaia do Norte, Amaturá, Benjamin Constant, Fonte Boa, Jutaí, Santo Antônio do Içá, São Paulo de Olivença, Tabatinga e Tonantins. Ressalta-se que dentre esses nove municípios, Martins (2013) investigou apenas cinco tendo em vista a natureza da pesquisa (Fonte Boa, Jutaí, Santo Antônio do Içá, São Paulo de Olivença e Tonantins), ampliando assim a investigação dos Pontos 3 (representado por Benjamin Constant) e 2 (representado por Tefé) do ALAM.

O *corpus*¹⁰ da referida pesquisa assemelha-se ao do ALAM no que diz respeito ao controle de *três faixas etárias* (18 a 35 anos, 36 a 55 anos e mais de 56 anos) e ao controle da variável *sexo/gênero*. Difere-se quanto ao controle da variável *escolaridade*, pois foram observados informantes com 4 a 8 anos de escolarização e 9 a 11 anos de escolarização. Foram entrevistados, no total, 57 informantes¹¹, 12 em cada localidade, conforme ilustrado no Quadro 3, a seguir.

Quadro 3- Estratificação social dos informantes da microrregião do Alto Solimões

	18 a 35 anos		36 a 55 anos		56 em diante	
	Homem	Mulher	Homem	Mulher	Homem	Mulher
4 a 8 anos de escolarização	5	5	5	5	5	5
9 a 11 anos de escolarização	5	5	4	5	4	4

No que se refere ao fenômeno em foco, R. Maia (2016), por sua vez, em um trabalho de iniciação científica buscou estudar o /S/ em coda silábica, a fim de também dar continuidade aos estudos sobre a referida variável dependente estudada por Cruz (2004). Utilizou para essa pesquisa o *corpus* coletado por Martins (2013), mencionado anteriormente, que teve como objetivo um estudo morfossintático.

Para a investigação de R. Maia (2016), foi selecionado o município de São Paulo de Olivença, pertencente à microrregião do Alto Solimões (Ponto 3). O total de informantes analisados foram 12, conforme estratificação em *idade, escolaridade e sexo*. Além desses grupos de fatores sociais clássicos, foram observados *localismo*,

¹⁰ Elocução livre: entrevista sociolinguística.

¹¹ Em alguns municípios, as células ficaram incompletas, pois não foi possível encontrar alguns informantes, conforme o perfil traçado pela pesquisa.



ocupação e mobilidade. Também foram controlados os seguintes grupos de fatores linguísticos: *contexto seguinte, posição na palavra e tonicidade*.

Quanto aos resultados gerais, R. Maia (2016) mostrou que os informantes de São Paulo de Olivença utilizam com mais frequência a variante alveopalatal surda e sonora (67,5%), mas também utilizam as seguintes variantes: a alveolar surda e sonora (25,7%), a fricativa glotal surda e sonora (6,1%) e o zero fonético (0,7%). Como se observa, esses resultados vão de encontro aos resultados encontrados por Cruz (2004), *aplicação de questionário*, e Martins (2005/2006), *elocução livre*, para a microrregião do Alto Solimões, pois as referidas pesquisadoras constataram o maior uso da variante alveolar em Benjamin Constant.

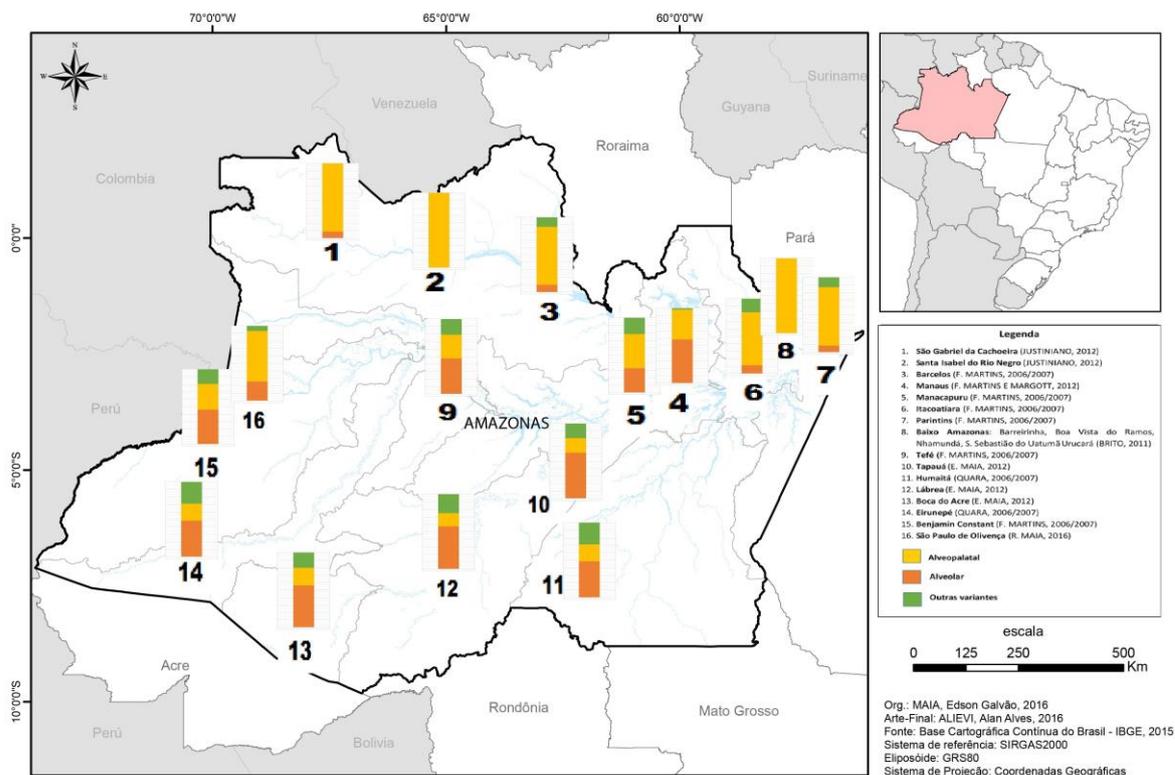
Quanto à análise das variáveis independentes, foram selecionadas pelo programa estatístico utilizado na pesquisa (Goldvarb X), as seguintes, por ordem de seleção: *contexto seguinte, tonicidade, ocupação, localismo, sexo/gênero e posição*. Não foram selecionadas, portanto, *idade, mobilidade e escolaridade*. Vale ressaltar que foi considerada como aplicação da regra a variante alveopalatal.

4 Discussão da hipótese de Isófona

A partir do que foi elucidado na seção 3, sobre os trabalhos realizados no Amazonas a respeito do /S/ em coda silábica após a elaboração do ALAM, podemos observar que a hipótese de isófona é em parte atestada, tendo em vista que algumas localidades de determinadas microrregiões se comportam de maneira diferente do ponto selecionado para o ALAM que a representaria. Na Figura 4, a seguir, ilustramos os dados gerais¹² encontrados para cada município investigado nos trabalhos citados nas subseções 3.1 e 3.2.

¹² Para alguns trabalhos que não apresentavam os dados gerais, tivemos que amalgamar os dados de *contexto medial e final* de palavra a fim de realizarmos uma melhor comparação e, conseqüentemente, elaborarmos os mapas das Figuras: 4, 5 e 6.

Figura 4- Resultados gerais do /S/ em coda silábica de acordo com os trabalhos realizados no Amazonas após a elaboração do ALAM



Como se observa, os resultados encontrados para pesquisas realizadas nas microrregiões do Alto Solimões e do Rio Negro-Solimões apresentam divergências dos resultados encontrados por Cruz (2004) nas localidades representativas dessas microrregiões.

No que diz respeito à microrregião do Alto Solimões, o município de São Paulo de Olivença, investigado por R. Maia (2016), se comporta de maneira diferente da cidade de Benjamin Constant, estudada por Cruz (2004), uma vez que o primeiro município se caracteriza pela pronúncia da variante alveopalatal (67,5%), enquanto o segundo pela realização da variante alveolar. Nesse sentido, não é possível afirmar ainda que a microrregião do Alto Solimões se caracteriza, categoricamente, pela pronúncia alveolar, como foi observado por Cruz (2004) ao estudar o município de Benjamin Constant (Ponto 3).

No que se refere à microrregião do Rio Negro-Solimões, a cidade de Manacapuru, investigada tanto por F. Martins (2006/2007) quanto por Cruz (2004) apresenta um comportamento diferente quando se compara os dados de *elocução livre* e *aplicação de questionário*. Nos resultados de Martins (2006/2007), *conversa o livre*, após juntarmos os *contextos medial e final* de palavra¹³, observamos uma maior frequência do uso da variante alveopalatal (46,1%), embora não muito distante da frequência encontrada para a variante alveolar (32,15%). Já para os resultados encontrados por Cruz (2004), *aplic o de questionário*, o que se observou foi o predomínio da variante alveolar. Dessa forma, para a microrregião do Rio Negro-Solimões ainda não se pode afirmar que a pronúncia alveolar caracteriza, categoricamente, o falar dos moradores dessa microrregião.

Os estudos realizados após a elabora o do ALAM nas microrregiões do Alto Rio Negro (F. MARTINS, 2006/2007, JUSTINIANO, 2012), Médio Amazonas (F. MARTINS, 2006/2007), Baixo Amazonas (F. MARTINS, 2006/2007; BRITO, 2011), Purus (QUARA, 2006/2007; E. MAIA, 2012), Madeira (QUARA, 2006/2007), Jut -Solimões-Juruá (F. MARTINS, 2006/2007) e Juruá (QUARA, 2006/2007) corroboram a hipótese levantada por Cruz (2004). Ressalta-se que o município de Manaus (MARTINS e MARGOTTI, 2012), pertencente à microrregião do Rio Negro-Solimões, também corrobora o resultado encontrado por Cruz (2004) para a localidade representativa dessa microrregião (Ponto 7), uma vez que foi a variante alveolar que foi utilizada com mais frequência na fala dos moradores da capital.

Vale ressaltar que os estudos realizados nas microrregiões do Médio Amazonas, Madeira, Jut -Solimões-Juruá e Juruá investigaram os dados de *eloc o livre* do ALAM, tendo como objeto de estudo, portanto, as mesmas localidades do atlas. É importante que, a exemplo das demais microrregiões, as pesquisas sejam ampliadas com a adesão de outros pontos de inquerito. Conforme se menciona na se o 3.2.4, a rede de

¹³ Vale lembrar que Manacapuru (F. MARTINS, 2006/2007) apresenta uma distribui o diferente das variantes do /S/ em coda silábica, conforme *contexto medial* e *final* de palavra. Em *contexto medial*, há o uso com maior frequência da variante alveopalatal, enquanto em *contexto final* de palavra há o predomínio da variante alveolar.

investigação da microrregião do Madeira vem sendo ampliada pela elaboração do *Atlas Linguístico do Sul Amazonense*, por E. Maia e os resultados parciais têm mostrado que os municípios de Manicoré e Borba privilegiam a pronúncia alveopalatal, ao contrário do que se observa em Humaitá, município representativo da microrregião nas pesquisas de Cruz (2004). Espera-se que, a continuidade de estudos dialetológicos dessa natureza, possam definir, com maior clareza, a existência ou não de uma isófona do /S/ em coda silábica no Amazonas, no futuro.

A seguir, apresentamos um mapa no qual se visualiza melhor a distribuição das variantes do /S/ em coda silábica de acordo com as pesquisas do ALAM (Figura 5) e de outro no qual se apresenta a distribuição do fenômeno a partir de todos os estudos realizados até o momento. Esses mapas ilustram a ampliação das áreas do ALAM no que tange a essa variável dependente e mostram que muitas áreas ainda carecem de investigação, apesar dos esforços dos pesquisadores em caracterizar os falares amazonenses.

Figura 5- /S/ em coda silábica em dados do Atlas Linguístico do Amazonas

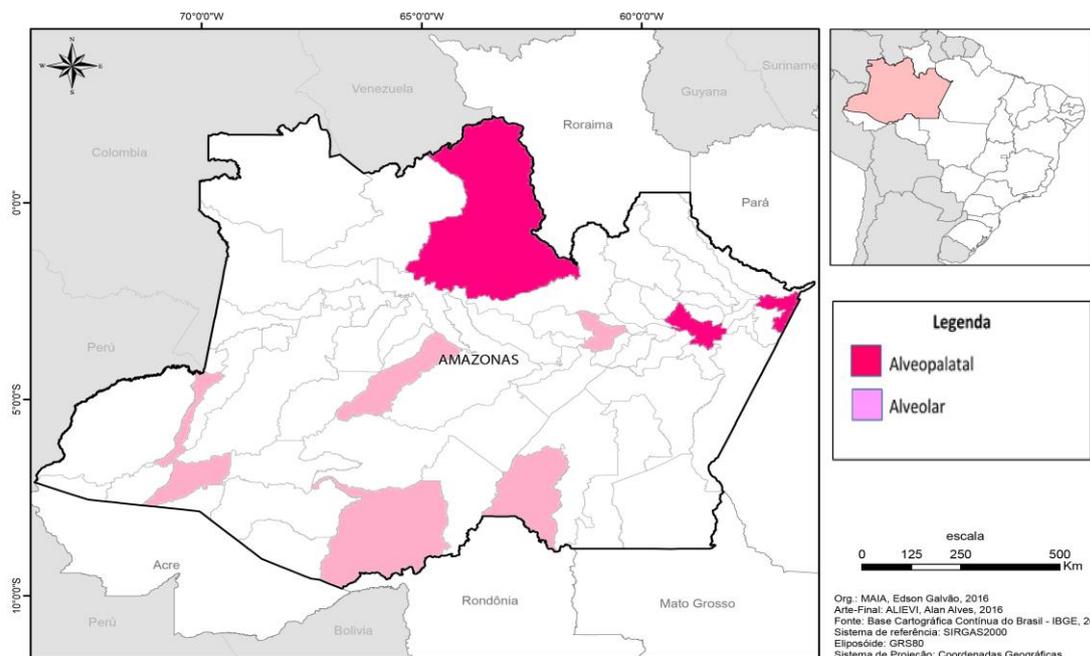
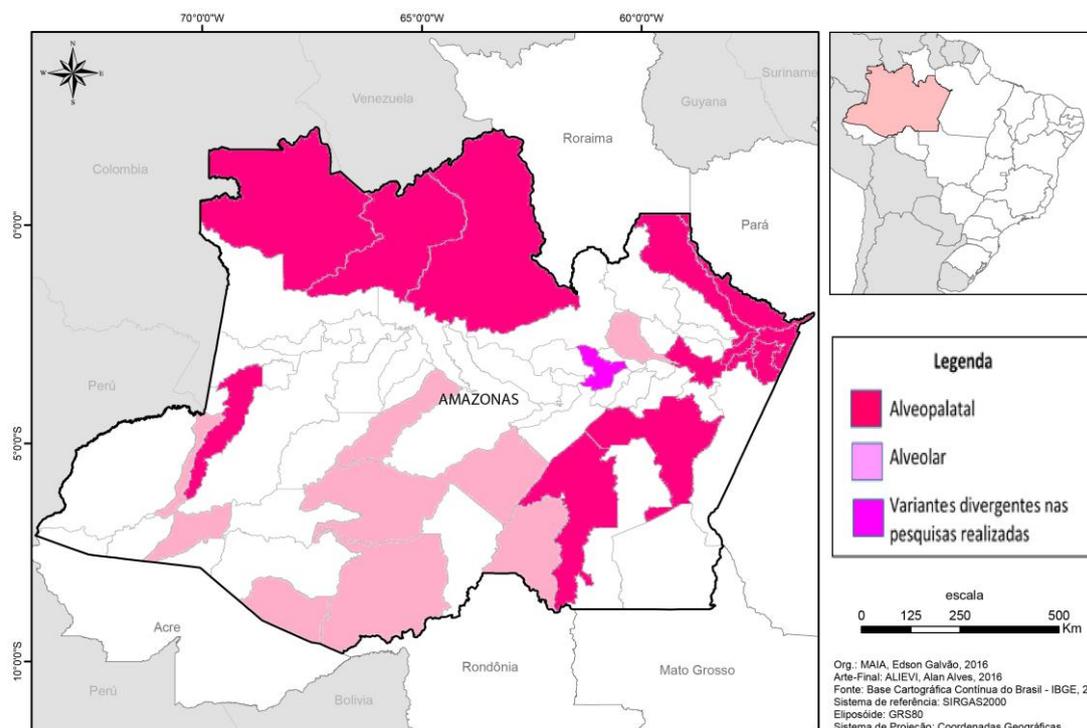


Figura 6- /S/ em coda silábica em dados das diversas pesquisas realizadas no Amazonas



Diante dos resultados ilustrados na Figura 6, observa-se que de fato as localidades amazonenses se diferenciam na realização do /S/ em coda silábica, havendo uma marcação clara entre as localidades que se encontram mais ao norte (noroeste) e ao leste do Estado, área mais escura do mapa, prevalecendo a pronúncia alveopalatal, e as localidades mais ao sudoeste e ao sul do Estado, com prevalência de pronúncia alveolar. Essa distribuição parece ter se originado do tipo de povoamento das cidades. As localidades mais antigas, com forte influência portuguesa, parecem manter a pronúncia alveopalatal, ao passo que as localidades povoadas à época da extração da borracha mantêm a pronúncia alveolar. Talvez, um estudo mais detalhado desse fenômeno, baseado em aspectos históricos, poderia ser mais conclusivo sobre o assunto. Além disso, seria importante também um controle de variáveis independentes linguísticas, uma vez que as variantes do /S/, para algumas localidades, apresentam uma distribuição diferenciada no que tange à *posição medial* e à *posição final* de palavra, conforme



mostraram Martins (2006/2007), E. Maia (2012), Martins e Margotti (2012) e R. Maia (2016).

Considerações Finais

A realização deste trabalho, conforme já discutido, permitiu-nos ter uma visão melhor dos trabalhos que vêm sendo realizados no Amazonas no que se refere, especificamente, a variação do /S/ em coda silábica. Observamos, primeiramente, a ocorrência do /S/ em coda silábica no PB e, depois, observou-se a realização do mesmo fenômeno nos estudos dialetoológicos e sociolinguísticos, desenvolvidos no Amazonas.

Ao que tudo indica, os resultados das pesquisas que vêm sendo realizadas ao longo desses 12 anos, desde a apresentação do ALAM, em 2004, parecem corroborar com a hipótese levantada por Cruz (2004), de que pode haver uma divisão dialetal entre os rios Negro e Amazonas e Solimões. No entanto, a rede de pontos de investigação ainda precisa ser ampliada, para que possamos traçar, com firmeza, uma isófona, no que diz respeito à realização do /S/ em coda silábica no falar amazonense.

Referências

- BASSI, A. **A palatalização da fricativa em coda silábica no falar florianopolitano e carioca:** uma abordagem fonológica e geolinguística. Florianópolis: UFSC. Dissertação de mestrado em Linguística, 2011.
- BRESCANCINI, C. R. **A representação lexical das fricativas palato-alveolares:** uma proposta. Revista Letras, n. 61, Curitiba: UFPR, especial, p. 299-310, 2003.
- BRITO, R. de M. **Atlas dos falares do baixo Amazonas- AFBAM.** Manaus: UFAM, dissertação de mestrado, 2010.
- CALLOU, D.; MORAES, J. A. A norma da pronúncia do S e do R pós-vocálicos: distribuição por áreas regionais. In: **Diversidade linguística e ensino.** Org. Suzana Cardoso. Salvador: EDUFBA, 1996.
- CANOVAS, M. I. F. Variação fônica de /S/ pós-vocálico e de /□□□□□□□□ cabeças de sílaba na fala de salvador. In: **Diversidade linguística e ensino.** Org. Suzana Cardoso. Salvador: EDUFBA, 1991.



CARDOSO, S. A. M. [et. al]. **Atlas Linguístico do Brasil**. Vol. 2. Londrina: Edue, 2014.

CHOMSKY, N; HALLE, M. **The sound pattern of English**. New York: Harper & Row, 1968.

CRUZ, M. L. de C. **Atlas Linguístico do Amazonas – ALAM**. Rio de Janeiro: UFRJ, 2 sem. Tese de Doutorado em Letras Vernáculas, 2004.

HOOPER. J. **An Introducion to Natural Generative Phonology**. New York: Academic Press, 1976.

JESUS, C. dos S. de; MOTA, J. A. **A variação fonética no português do Brasil: diferenças diatópicas na realização do /S/ em coda silábica**, a partir dos dados do Atlas Linguístico do Brasil (AliB). Apresentado no Seminário Estudantil de Pesquisa do Instituto de Letras da Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2006.

_____. **Conservadorismo e mudança: o /S/ em coda silábica no nordeste**, a partir dos inquéritos do Projeto Atlas Linguístico do Brasil (Projeto ALiB). Comunicação apresentada do XV Congresso Internacional de la Asociación de Linguística y Filología de América Latina, Montevideu- Uruguai, 2007.

JUSTINIANO, J. **Atlas Linguístico dos Falares do Alto Amazonas- ALFARiN-**. Manaus: UFAM, dissertação de mestrado, 2012.

LABOV, W. *Padrões sociolinguísticos*. Trad. De Marcos Bagno; Maria Marta Scherre; Caroline Cardoso. São Paulo: Parábola, 2008 [1972].

MAIA, E. G. **A realização fonética do /S/ pós-vocálico nos municípios de Boca do Acre, Lábrea e Tapauá**. Manaus: UFAM, dissertação de mestrado, 2012.

MAIA, R. B. **Variação do /S/ em coda silábica no falar dos moradores de São Paulo de Olivença (Amazonas)**. Relatório Técnico Científico. Programa de Pesquisa e Pós-graduação. Departamento de Pesquisa. Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC), UFAM: Benjamin Constant, Agosto (2015) a julho (2016).

MARTINS, F. S. **A pronúncia do –S pós-vocálico nos municípios de Itacoatiara, Manacapuru, Parintins, Tefé, Barcelos e Benjamin Constant**. Relatório Técnico Científico. Programa de Pesquisa e Pós-graduação. Departamento de Pesquisa. Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC), UFAM: Manaus, Agosto (2006) a julho (2007).

MARTINS, F. S. MARGOTTI, Felício. Comportamento fonético-fonológico do /S/ pós-vocálico em Manaus. **Investigações**: v. 25, n. 2, julho, 2012.

MARTINS, A. F. C. **A pronúncia do fonema /S/ e suas variações no português do município de Bragança**. Relatório Técnico Científico. Programa de Pesquisa e Pós-graduação. Departamento de Pesquisa. Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica PIBES e PIBIC. Agosto (2000) a julho (2001).

PEDROSA, J. L. R. **Análise do /S/ pós-vocálico no português brasileiro: coda ou onset com núcleo foneticamente vazio?** Tese de doutorado. Paraíba: UFPB, 2009.



Web - Revista SOCIODIALETO

Núcleo de Pesquisa e Estudos Sociolinguísticos, Dialetológicos e Discursivos - NUPESDD
Laboratório Sociolinguístico de Línguas Não-Indo-europeias e Multilinguismo - LALIMU
ISSN: 2178-1486 • Volume 7 • Número 20 • Novembro/Fevereiro 2017

QUARA, H. **Comportamento fonético-fonológico do -S pós-vocálico nos falares dos municípios de Eirunepé, Lábrea e Humaitá do Amazonas.** Relatório Técnico Científico. Programa de Pesquisa e Pós-graduação. Departamento de Pesquisa. Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC), UFAM: Manaus, Agosto (2006) a julho (2007).

SCHERRE, M. M. P.; MACEDO, A. T. Variação e Mudança: o caso da pronúncia do S pós-vocálico. In: **ABRALIN**. Associação Brasileira de Linguística. Nº 11, Junho, 1991.

SILVA NETO, S. da. **A língua portuguesa no Brasil.** Separata da Revista de Portugal – Série A – Língua Portuguesa. vol. XXV. Lisboa: Editorial Império, 1960.

Recebido Para Publicação em 30 de novembro de 2016.

Aprovado Para Publicação em 29 de maio de 2017.